

• CRIAÇÃO

A REVOLTA DAS SOMBRAS

Álvaro Cardoso Gomes*

PRÓLOGO

Os três grandes romances do chamado Realismo – *Madame Bovary* (1856), de Flaubert, *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, e *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis¹ –, que têm três inesquecíveis mulheres como centro de atenção e interesse – Emma, Luísa e Capitu –, notabilizaram-se, entre outras coisas, por retratarem com exasperante fidelidade o anódino e vazio mundo burguês ou pequeno-burguês do século XIX, povoado de criaturas estúpidas, que procuram fugir do ambiente sufocante por meio dos sonhos românticos. Os estertores do mau romantismo, ou se se quiser do ultrarromantismo, têm mais lugar nos romances de Flaubert e Eça de Queirós do que no de Machado de Assis. Tanto Emma quanto Luísa são vorazes leitoras de folhetins românticos e seus derivados, a poesia sentimental, o drama-lhão teatral, que lhes abrirão a porta do falso e figurado paraíso, lhes causarão indiretamente a ruína pessoal, lhes trarão a desgraça familiar e a morte inglória. Capitu participa discretamente desse time de mulheres volúveis mais por seu adultério e pela capacidade que tem de envolver e destruir o macho dominante, num arremedo grotesco da *femme fatale* do fim do século.

Mas gostaria de chamar a atenção para um aspecto que aproxima esses três romances: as personagens de segundo plano que percorrem as páginas quase que imperceptivelmente, ao largo das grandes paixões. Entre essas personagens, destaco o Homais de *Madame Bovary*, o Conselheiro Acácio de *O primo Basílio* e o José Dias de *Dom Casmurro* que são muito semelhantes entre si. Criaturas estúpidas, mediócras, pontificando aqui e ali com uma sabedoria

* Universidade de São Paulo (USP) – São Paulo – SP – Brasil. E-mail: algomes@uol.com.br

¹ A esses romances tranquilamente se poderia também juntar *Ana Karênina* (1877), devido ao fato de ter sido escrito no mesmo período de seus coirmãos e de o escritor russo ter criado também uma inesquecível heroína, adúltera como suas colegas e capaz de ser levada por grandes paixões. Mas deixamos a obra de Lev Tolstói de lado porque fugiria ao escopo de nosso ensaio-ficção, menos centrado nas heroínas do que no tipo vulgar de segundo escalão.

advinda de leituras apressadas de uma literatura de segunda mão, constituem-se em verdadeiros ícones do homem médio que o acaso quis que interviessem indiretamente no mundo das personagens principais. Neste meu ensaio, que designaria, à falta de melhor termo, de ensaio-ficção, desloco as luzes dos holofotes para os três tipos, de modo a mostrar deles um pouco mais do que mostraram Flaubert, Eça de Queirós e Machado de Assis. Esses ícones da estupidéz, que podiam muito bem fazer parte do grotesco mundo dos imortais Bouvard e Pécuchet, surgirão neste ensaio como sombras revoltadas com sua condição de sombras e ansiando, ao contrário das heroínas que ansiavam pelo paraíso das ilusões, pelo paraíso iluminado dos protagonistas.

DIGRESSÃO ENSAÍSTICO-FICCIONAL

Entre o verão e o outono, o sol agonizava morbidamente sobre o Adriático. Às suas margens, como um fantasma de olhos amarelos, todo iluminado, descansava o Grande Hotel. Enquanto na esplanada os hóspedes contemplavam o entardecer das águas, no saguão, três sombras hesitavam em ganhar o ar livre. Junto à parede de espelhos que lhes duplicava a turva imagem, arriscavam um passo, mas logo recolhiam o pé, temerosos de que a luminosidade do imenso lustre de cristal lhes ofuscassem ainda mais os traços difusos. Não bastasse isso, espreitavam as trevas, como se fossem perseguidas, e o mínimo ruído deixava-as trêmulas. Em consequência, as partículas que as formavam moviam-se em redemoinho e, só quando elas se acalmavam, é que a poalha se assentava compactamente. Então, as sombras ganhavam traços mais nítidos, e um bom observador poderia mesmo distinguir-lhes o perfil e a obliquidade das feições.

Pareciam sombras cansadas da condição de sombras, porque esticavam avidamente o pescoço na direção dos cavalheiros e damas que, na esplanada, degustavam vinhos e desfilavam exibindo sua graça. Até que, parecendo afastar o medo, num movimento que se diria combinado, descolaram ao mesmo tempo as costas da parede de espelhos, que talvez os protegesse da importuna perseguição, e avançaram através do halo de luz. Como o pólen, as partículas das sombras ganharam a tonalidade do ouro; o castanho, o gris e o glauco das íris desenharam-se nas cabeças sem face, e o brilho dos anéis, relógios, correntes e presilhas subiu à tona da opacidade. Aquelas sombras, à medida que se deslocavam, levadas por súbita e desconhecida volição, era como se deixassem atrás de si lacunas, observações anódinas, comendas desqualificadas. Sob a luz solo do lustre, repentinamente livres da presença de jactanciosos protagonistas, em sua risível altivez, pareciam acusar a ingratidão de seus criadores, que jamais lhes haviam dado a chance de agir no ruidoso universo das grandes paixões.

Mas como lhes explicar o medo, que as tornava frágeis, que as fazia regredir a um estádio de pura ficção, ou ainda de quase meros espectadores de um espetáculo que, durante anos e anos, se desenrolara à sua frente? Embora ninguém pudesse acusá-las de crimes, cada sombra tinha o seu pecadilho: uma, que se chamava José Dias, modesta charlatona, sem um diploma, clinicara homeopaticamente com um *Manual*, uma botica, divulgando assim os princípios da nova escola. A outra, de nome Homais, servindo-se de seus conhecimentos de farmacologia, agira clandestinamente como médico, o que levava as autoridades de sua província natal a indispor-se contra ela. Quanto à terceira das sombras,

conhecida por Conselheiro Acácio, nada havia que a desabonasse, a não ser os amores senis com uma criada, sigilosamente ocultos entre as quatro paredes de sua alcova de celibatário. Mas não era isso que as tornava medrosas – o temor que as possuía nascera da presente rebeldia. Embora o orgulho em alta, devido à ousadia em escapar da prisão, onde se debatiam usualmente outras sombras como elas, temiam, por isso mesmo, seus perseguidores, seus guardiões. Com sua autonomia, rompiam o círculo de giz e perturbavam as sólidas relações daqueles que se jactavam de ser protagonistas.

Quando chegaram finalmente à esplanada, as sombras tinham ainda os traços pouco definidos, e as peças de roupa cobriam-lhes desajeitadamente os membros malformados, de modo que ninguém de bom senso ousaria descrever-lhes a figura. Então, sentaram-se junto ao balaústre, que dava para a pequena praia do Adriático. Uma delas, exprimindo-se num precário italiano com sotaque francês, pediu ao garçom uma taça de sidra. As outras duas, também expressando-se precariamente em italiano, mas com sotaque português, decidiram-se por um Porto e uma aguardente.

– A Voltaire! – brindou a primeira sombra.

– À família real! – brindou a segunda sombra.

– Ao Imperador! – brindou a terceira sombra.

O simples fato de erguerem o brinde e de degustarem a bebida fez que as faces se lhes desenhasssem nas cabeças e que as vestes ganhassem colorido, cobrindo adequadamente os membros que já se moviam com desenvoltura. Agora, na luz fosca do entardecer, os três homens tinham as feições extremamente nítidas. O de sotaque francês, conhecido por Homais, era o que menos chamava a atenção, devido aos traços e às vestes muito comuns. O que havia de distinto nele era a compulsiva loquacidade e o inusitado barrete grego, signo do apego aos princípios libertários de um século em ebulição. No mais, vestia casaca negra, sobre a qual luzia a comenda da Legião de Honra, calças de algodão e sapatos de castor. Dado às letras, escrevera um grosso folheto, um memorial de mais de 72 páginas, intitulado: *Da sidra, sua fabricação e seus efeitos, seguido de algumas novas reflexões sobre o assunto*, que enviara à Sociedade Agronômica de Ruão, o que lhe valera mesmo a honra de ser recebido entre seus membros, seção de agricultura, classe de pomologia. Um dos homens de sotaque português, conhecido por Conselheiro Acácio, era alto, magro, vestido todo de preto, com o pescoço entalado num colarinho direito. O rosto aguçado no queixo ia-se alargando até a calva, vasta e polida, um pouco amolgada no alto; tingia os cabelos que de uma orelha a outra lhe faziam colar por trás da nuca – e aquele preto lustroso dava, pelo contraste, mais brilho à calva; mas não tingia o bigode: tinha-o grisalho, farto, caído aos cantos da boca. Era muito pálido, nunca tirava as lunetas escuras. Tinha uma covinha no queixo, e as orelhas muito despegadas do crânio. Sobre seu peito luzia a comenda de cavaleiro da ordem de São Tiago. Igualmente letrado, ocupava-se de economia política: tinha composto os *Elementos genéricos da ciência da riqueza e sua distribuição, segundo os melhores autores* e como subtítulo: *Leituras de serão!* Havia apenas meses publicara a *Relação de todos os ministros de estado desde o grande Marquês de Pombal até nossos dias, com datas cuidadosamente averiguadas de seu nascimento e óbito* e vinha compondo no momento uma *Descrição das principais cidades do reino e seus estabelecimentos*. O terceiro homem, de nome José Dias, trazia as calças curtas para que lhe ficassem bem esticadas. A gravata de cetim preto, com um

arco de aço por dentro, imobilizava-lhe o pescoço; era então moda. O rodaque de chita, veste caseira e leve, parecia nele uma casaca de cerimônia. Era magro, chupado, com um princípio de calva; teria os seus 55 anos. Seus companheiros tratavam-no com certa complacência por sua elegância pobre, modesta, mas respeitavam-no pela educação e cultura. Era lido, posto que de atropelo, o bastante para divertir ao serão e à sobremesa, ou explicar algum fenômeno, falar dos efeitos do calor ou do frio, dos polos e de Robespierre. Intimidado com a superioridade intelectual dos companheiros de mesa, preferia ouvir a falar e, quando falava, amava os superlativos. Era um modo de dar feição monumental às ideias; não as havendo, servir a prolongar as frases.

Estavam os três homens ainda calados e bebendo, quando uma senhora, muito segura de si, andando pela esplanada, tropeçou e caiu. Várias pessoas acudiram, mas não tiveram tempo de a levantar; ela ergueu-se muito vexada, sacudiu-se, agradeceu, e enfiou pela porta próxima.

– Este gosto de imitar as francesas – disse o homem de rodaque de chita – é evidentemente um erro. As moças devem andar como sempre andaram, com seu vagar e paciência, e não este tique-tique afrancesado...

O comentário não passou despercebido ao homem de barrete grego, que, pondo na conta do despeito a alusão aos costumes franceses, preferiu expor, sobre as mulheres, teorias imorais. O que principalmente o seduzia, confidenciou, era o chique... Adorava uma toalete elegante, uma casa bem mobiliada; e, quanto às qualidades corporais, apreciava o “bom-bocado”. E, inclinando-se ao ouvido dos companheiros, disse-lhes quais eram os sinais por que se conhecia o temperamento duma mulher. Lançou-se mesmo numa digressão etnográfica: a alemã era vaporosa; a francesa, libertina; a italiana, apaixonada.

O da Legião de São Tiago afirmou ajeitando as lunetas:

– Viajantes instruídos têm-me afiançado que as inglesas são notáveis mães de família...

– Notabilíssimas! – apoiou-o o homem de rodaque de chita.

O homem de barrete, tendo notado que o de lunetas negras deitara de revés um olhar apreciador para a abundância do seio da mulher que caíra, dirigiu-lhe um remoque:

– O senhor deve ter grandes privações na terra natal...

O de lunetas, entendendo a ironia, ficou rubro, mas dominou-se e disse com dignidade:

– As neves que na frente se acumulam terminam por cair no coração...

Das mulheres, os três passaram para os assuntos gerais, entre eles, a medicina. Enquanto o de lunetas, que parecia avesso a esse tópico, somente balançava a cabeça numa vaga concordância, os outros dois entabularam acalorada discussão sobre as vantagens da alopatia e da homeopatia. O farmacêutico, querendo impressionar o interlocutor, abarcou com as mãos as vizinhanças do Grande Hotel e expôs com sabedoria os conhecimentos de clínico:

– Falando a verdade, o clima daqui não é mau. O termômetro (tenho observado), neste verão forte, chegou aos 25-30 centígrados, quando muito, o que nos dá 24 Réaumur no máximo, ou, por outra, 59 Fahrenheit (medida inglesa), não mais! Contudo, por causa do vapor de água originado pelo ribeiro, e da presença considerável de animais nos campos, que exalam, como se sabe, muito amoníaco, quer dizer, azoto, hidrogênio e oxigênio (não azoto e hidrogênio apenas), e que, atraindo o húmus da terra, misturando todas essas diferentes emanções,

reunindo-as num feixe, por assim dizer, e combinando-se esta a si mesmo com a eletricidade espalhada pela atmosfera, quando esta a contém, este calor poderia, com o tempo, como nos países tropicais, originar miasmas insalubres.

Parecendo irritado com o longo discurso do farmacêutico, o homem de rodaque de chita observou:

– A alopatia é o erro do século, e vai morrer; é o assassinato, é a mentira, é a ilusão. A alopatia é erro na terapêutica!

O homem de lunetas, não se esquecendo do remoque de que fora alvo, teve com a mão branca um vago gesto enojado, e exprimiu a opinião – que na medicina, aliás uma grande ciência, havia coisas bastante asquerosas. Assim, ouvira dizer que, nos teatros anatômicos, os estudantes de ideias mais avançadas levavam o seu desprezo pela moral, até atirarem uns aos outros, brincando, pedaços de membros humanos, pés, coxas, narizes...

O farmacêutico redarguiu, dizendo com autoridade:

– Mas é como quem mexe em terra, caro amigo! É matéria inerte!

– E a alma, meu senhor?... – perguntou o de lunetas e fez um gesto de vaga reticência, julgando tê-lo aniquilado com aquela palavra suprema.

– Não o sabia carola – voltou a zombar o homem de barrete grego.

– Os meus princípios são bem conhecidos. Não – explicou o Conselheiro – que eu seja um sectário do *Syllabus*. Não que eu queira ver os jesuítas entronizados no seio da família! Mas – e sua voz tornou-se profunda – o respeitável prisioneiro do Vaticano é o vigário de Cristo!

O homem de rodaque de chita aplaudiu-o, e recordou, a propósito, os primeiros atos políticos de Pio IX, grandes esperanças da Itália. Sem dar atenção a seu aparte o farmacêutico vociferou:

– Eu se fosse o governo havia de fazer com que os padres fossem sangrados uma vez por mês. Sim, senhores, todos os meses, uma larga flebotomia, no interesse da polícia e dos costumes!

Como se não o ouvisse, o homem de lunetas continuava a defender-se da acusação de carola:

– Não sou ultramontano, nem faço votos pelo restabelecimento da perseguição religiosa. Sou liberal. Creio em Deus. Mas reconheço que a religião é um freio.

Impaciente, o homem de barrete grego retrucou:

– Eu tenho uma religião, e mesmo até mais do que todos eles, com as suas momices e charlatanices. Eu creio em Deus! Creio no Ente supremo, um criador, qualquer que seja, pouco importa, quem nos pôs neste mundo para desempenharmos os nossos deveres de cidadãos e de pais de famílias; mas o que não preciso é ir a uma igreja beijar salvas de prata, engordar com a minha algibeira uma súcia de farsantes que vivem muito melhor do que nós! Porque o podemos venerar de qualquer maneira, num bosque, num campo, ou mesmo contemplando a abóbada celeste, como os antigos. O meu Deus é o Deus de Sócrates, de Franklin, de Voltaire e de Béranger! Eu sou pela “profissão de fé do vigário saboiano” e pelos princípios imortais de 1789! Por isso não admito um Deus que passeie no seu jardim de bengala na mão, aloja os amigos no ventre das baleias, morra soltando um grito e ressuscite no fim de três dias: coisas absurdas por si mesmas e completamente opostas às leis da física: o que nos demonstra, de resto, que os padres têm sempre permanecido na ignorância torpe, no qual se esforçam para mergulhar as populações.

A essa altura, os três homens já estavam da posse completa de suas faculdades físicas e mentais. A força da palavra só servira para lhes reforçar a autonomia, que se mostrava na liberdade do gesto, na abundância de opiniões. Jactanciosos, sobressaiam-se em relação à massa anônima que se afogava nas ondas de sombra da esplanada. Com que orgulho os três homens tomavam consciência de que agora eram figuras de primeiro plano, sobre as quais incidia a luz de tantos olhares! Mas a sua glória implicava necessariamente a desorientação de outros seres que, devido à deserção dos três homens, moviam-se, em seus universos, como baratas tontas. Um jovem esperava, em vão, que o homem de rodaque de chita cumprisse a promessa de conversar com sua mãe, para livrá-lo do tormento do seminário. Uma senhora, com a consciência pesada, aguardava exasperada a visita vespertina do homem de lunetas, que, com esse gesto, poderia talvez lhe legitimar o equivocado encontro com o primo sedutor em sua própria residência. E, por fim, uma mulher, que, atormentada por cega determinação, se dirigira em desespero à farmácia do povoado em busca de arsênico, encontrara-a fechada, com um bilhete na porta avisando da ausência do dono. Essas faltas imprevistas vinham não só modificar planos, atos de cortesia e mesmo resoluções trágicas, mas também criar lacunas que pareciam impedir o fluxo de existências e a ação do Destino. Com isso, esses seres perdiam o estatuto de protagonistas (e, por conseguinte, a aura de vítimas do Fado, que servia para engrandecê-las) e ganhavam somente, como numa vingança rigorosamente planejada, a sorte involuntária e fragmentária das sombras, para quem as dimensões de totalidade jamais contavam.

Na realidade, os três homens da esplanada esperavam ter uma existência sob as luzes da alegórica ribalta, que talvez lhes revelassem o acontecimento significativo, o nó de um incidente, de um enigma, que permitisse a montagem de um enredo só deles. Foi, portanto, com satisfação que o homem de rodaque viu aproximar-se um cego de chapéu na mão. Quem sabe não estaria ali o começo de uma aventura ou mesmo o vaticínio de uma vida mais ruidosa e consequente? E antes mesmo que a criatura pudesse falar, loquaz como sempre, o farmacêutico exclamou:

– Não compreendo como as autoridades ainda consintam em tão condenável indústria! Deviam internar esses desgraçados e obrigá-los a qualquer trabalho! O progresso, segundo parece, caminha como tartaruga! Estamos a patinhar em plena barbárie!

O cego estendeu o chapéu, que batia na beira do balaústre, como um bolso de forro despregado.

– Aí tem – disse o farmacêutico – é uma afecção escrofulosa!

Em seguida, murmurou as palavras “córnea, córnea opaca, esclerótica, *facies*”, e depois lhe perguntou em tom paternal:

– Há muito tempo que tens essa horrível doença? Em vez de te embebedares nas tavernas, era muito melhor que te tratasses.

– Deve ser pessoa da mais baixa extração – rosou o de lunetas.

O farmacêutico tornou a atacar e aconselhou-o a beber um bom vinho, boas cervejas e comer bons assados. Quando o cego se retirou, ainda lhe gritou:

– Nada de farináceos nem de queijos! Trazer lâ sobre a pele e expor as partes afetadas ao fumo de bagas de genebra!

E quando ele se calou, também os três homens se calaram. Como nada acontecesse daí em diante, escarafuncharam a memória em busca de algum episódio

de relevo, de alguma anedota que os mantivesse à tona da luz. O farmacêutico contou-lhes miudamente de uma feira acontecida em Rouen. O de lunetas descreveu-lhes o novo livro que vinha compondo e chegou mesmo, com a complacência dos companheiros de mesa, a ler-lhes um trecho: "...reclinada molemente na sua verdejante colina, como odalisca em seus aposentos, está a sábia Coimbra, a lusa Atena". O homem de rodaque de chita, por sua vez, relatou-lhes em pormenores como havia curado um feitor e uma escrava num andanço de febres.

Como cada um se sentisse fatigado de ouvir a lenga-lenga do outro, preferiram calar-se de vez, mas por suas cabeças ainda corria o rio das recordações. O farmacêutico lembrou-se da desastrada intervenção cirúrgica do médico seu vizinho num pobre aleijado e que resultara numa amputação. O homem de rodaque de chita teve presentes na memória uma apólice, que herdara, e uma disputa de varas de um pálio no acompanhamento do Santíssimo. Quanto ao homem de lunetas, lembrou-se com concupiscência das mãos da criada roçando-lhe a calva, mas, envergonhado com a presença dos companheiros, que lhe poderiam perceber a turbação, cortou de imediato o fio da recordação. Em vão, os três homens buscaram na memória lembranças felizes da infância e da juventude que merecessem um relato jocoso ou nostálgico. Mas parecia haver uma muralha entre a sua mocidade e a idade madura, condenando-os para sempre à vegetativa vida da senectude, em que as paixões, os desejos, quando existiam, eram direito próprio e adquirido somente dos outros.

Era já noite: o luar deixava um rastro de prata nas águas do Adriático, e uma brisa fria soprava do mar para a esplanada quase deserta. Calados e trêmulos com a friagem, os três homens perdiam as cores, e as linhas do perfil mal continham as camadas de poalha cinzenta, que, varridas pelo vento, esvoaçavam, exaurindo aqueles pobres seres. Vagarosamente, como colunas de fumaça, eles se dissolviam. Num esforço supremo para preservar a identidade, um deles, voltado para paisagem lunar, ainda murmurou:

– Belíssimo!

Mas uma lufada mais forte do vento empolgou-os e dissolveu-os de vez, dispersando-lhes o fosco ser pelos ares. E, em outros mundos, eles foram sendo novamente encarcerados numa prisão de sonhos, idílios, aflições, medos, traições, desejos e mortes, que roçavam por eles e que a eles tão raramente pertenciam.

REFERÊNCIAS

FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. Tradução e prefácio Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [s. d.].

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, INL, 1975.

QUEIRÓS, E. de. *O primo Basílio*. São Paulo: FTD, 1991.

TOLSTÓI, L. *Anna Kariênina*. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

Recebido em fevereiro de 2015.

Aprovado em fevereiro de 2016.